

a esta H O R A

TAL como há dois meses, ficou uns momentos parado diante da montra. Havia uma fila de livros de Garrett e Dumas, os «Serões da Província» e a «História da Princesa Magalona», tudo por vinte escudos. A um canto, uma máquina fotográfica, no meio de pratos chineses, e uma caneta de tinta permanente.

Finalmente decidiu-se: empurrou o guarda-vento e entrou. Olhou para trás. O guarda-vento continuava a balançar. Era de vidro fosco e tinha escrito em letras vermelhas *ORES*. Na outra porta imóvel, quatro letras do mesmo tamanho: *PENH*.

Entrou num gabinete e nem sequer se deu ao cuidado de se fechar por dentro. Saiu uma mulher com uma criança agarrada ao avental. Trazia o dinheiro apertado na mão juntamente com a chave da casa.

Então pôs-se a ler um papel pregado na parede.

Decreto número 32.428 de 24 de Novembro de 1942: o mínimo praso do contrato é dum mês, o penhor fica sujeito a leilão em três meses de atraso; condições de contrato mutuário e mutuante; parágrafo único: reclamações ao Governo Civil; juro legal; compra-se a cautela, máxima seriedade e discrição.

— Já foi atendido?

— Ah, desculpe. Se fui atendido? Não, é que... Bem, eu tenho aqui isto.

Meteu a mão no bolso das calças e tirou o relógio de pulso. O empregado levantou os óculos, apertou-os de encontro à testa e tirou o vidro do mostrador, que esfregou no guarda-pó; pôs-se a observar o maquinismo. A seguir fechou-o cuidadosamente e pô-lo em cima do balcão acenando com a cabeça:

— Não recebemos.

— Ouça, um momento...

O empregado voltou novamente para junto dele, contrariado, e disse:

— É já um pouco antigo. Não nos interessa, compreende?

— Não. Olhe que não. Além disso já o pus cá uma vez. Se não me engano até me emprestaram trinta escudos por êle.

O outro tornou a olhar o relógio e deu uma pancadinha com a unha no vidro do mostrador.

— O mostrador é de mica... Bem vê, é muito antigo. Já está um bocado cansado.

— Não poderia dar um geitinho? Queria pouco dinheiro. Uma coisa de ocasião, «p'ra'i» uns vinte escudos, apenas. Da outra vez tinham-me dado trinta.

— Está muito bem, mas não podemos fazer isso. O patrão deu ordens decisivas.

Achou-se cá fora. O guarda-vento de vidro fosco ficou a balouçar, rangendo.

Estava uma linda manhã. Olhou o céu azul mas teve que fechar os olhos porque a claridade feria-lhos. Ao passar pela montra de uma casa de pasto acendeu o último cigarro.

Depois pôs-se a olhar a enorme pescada que tinha um mólhinho de salsa na bôca ao pé duma vermelha posta de carne. Sentiu uma tontura e um enorme apêto na garganta ao mesmo tempo que a bôca se lhe enchia de saliva.

Foi então que reparou na sua figura reflectida no vidro. A barba é que era um aborrecimento. Ageitou a gola ensebada da gabardine. O quê, ninguém usa gabardine com um tempo dêstes? Pois sim. Mas também pouca gente terá um casaco assim, de costuras rebentadas e os fundilhos das calças gastos.

Olhou o relógio. Podia ir agora para casa. Às onze e meia, dona Laura costuma levar o almôço ao filho à oficina. Às onze e meia, muitas pessoas vão ao mercado e compram frutos, pão e carne.

Atravessou a avenida e dirigiu-se ao jardim. Sentia-se, de facto, um pouco cansado. Talvez por caminhar tanto. O melhor era repousar um pouco antes de ir para casa e aquele banco estava ali mesmo a calhar, à torreira do sol. É que estava um dêstes frios... E era para admirar num dia assim. Mas o corpo tremia-lhe todo.

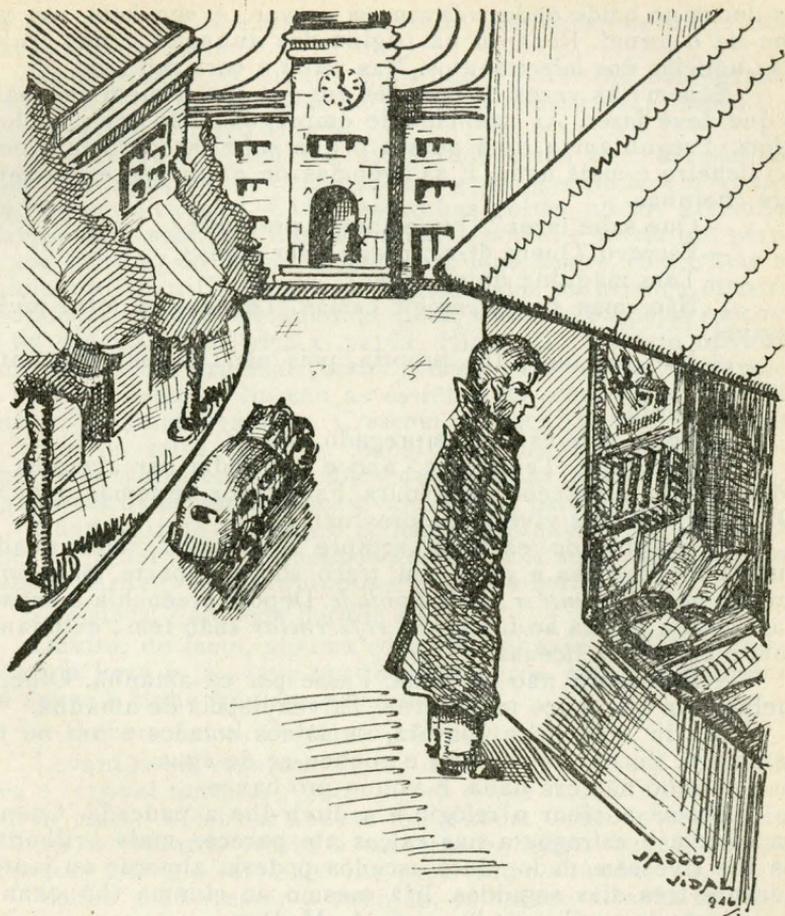
Se fôsse dantes teria café em casa. Várias vezes almoçara pão e café, sômente. Não seria nada má ideia. Tinha que ser: hoje, só mais hoje, pediria êsse favor à dona da casa. Mesmo sem açúcar nem pão. Um café bem quente. Não importava que fôsse feito de borras.

JORNAL

O senhor Vasconcellos Júnior ganhara na Bôlsa. Isto fôra-lhe comunicado pelo seu secretário oficial que se chamava sênhor Miguel Costa. O senhor Vasconcellos Júnior recebeu a noticia e disse que vinte e cinco contos fôra um bom golpe, sim

senhor. Depois mandou a secretária particular telefonar para a mulher avisando-a de que não podia jantar com ela hoje e, quando saiu, foi ao Park-Restaurante comprar caramelos para Carmen Carminell e «prós» pequenos. À saída deu uma gorgeta muito grande ao «groom» e também deu uma esmola muito maior do que costume ao cego da esquina. A seguir telefonou a um seu amigo de infância, que era deputado, informando-se se o contrato que fizera com a Companhia Sanitária do Sul para o fornecimento de parafusos niquelados (tipo 12-H) lhe fôra favorável. Entrou numa perfumaria comprou um frasco de «Noite Parnasiana», fez uma festa a uma criança que encontrou na rua, entrou numa cabine telefónica e ligou para Reno-Hotel, apartamento vinte e três. Esperou um pouco acendendo um charuto e apalpando as luvas. Então inclinou-se muito para o bocal e perguntou: está lá, querida. Sorriu, bateu com os dedos no embrulho dos caramelos e na caixa do frasco marca «Noite Parnasiana» — (Réveillon, Paris)» e disse que ia aí ter e que jantariam os dois porque em casa não contavam com êle para jantar e que estava muitíssimo bem, que iriam depois ao teatro ou ao casino. Fez mais vezes que sim com a cabeça, soltou uma enorme gargalhada e exclamou não, palavra que não, boa piada, Carmen, combinado, até já. Disse ainda muitas vezes: combinado, está certo e sem dúvida, e acrescentou que lhe levaria uma prendasinha, à sua boneca, adeus. Depois foi à «manucure».

Também a senhora de Marques Conti falara de um problema que a afligia muito e que era o facto do seu cão Max ter vomitado já duas vezes e andar triste. A sua amiga, madame Mourier, disse-lhe que isso não seria coisa de cuidado, mas a senhora de Marques Conti respondeu-lhe que andava preocupadíssima e ainda agora mesmo lá fôra o veterinário e fizera uma destas caras de caso. Calhou em conversa madame Mourier lamentar-se por causa do seu marido manter duas amantes e até, lhe ter feito duma delas sua dactilógrafa privativa, imagine, e de se ter declarado uma greve nas oficinas do seu cunhado que, felizmente, a policia não permitiu. D. Isabel Joana Marques Conti deu alguns conselhos adaptáveis a estas pequenas coisas de que eles acabam por se aborrecer, garantindo que fizesse por fingir ignorância absoluta do caso, absolutíssima, e encolheu os ombros quando se quis referir ao acontecimento que se verificara há quatro ou cinco dias, há alguns dias, pronto, nas «Officinas Indústrias Reunidas, Lda. S. A. R. L.», afirmando, ao mesmo tempo, que esta gente inculca nunca sabe o que quer e são uns mal-agraçados. Madame Mourier disse depois: adeus, filha, o chá estava esplêndido e a senhora Conti respondeu:



estes lobos da Alsácia são uma lástima, mal nos descuidamos caíem-nos doentes.

Um fotógrafo ambulante tirava um retrato a uma criança vestida de marinheiro. Escondeu a cabeça num pano negro e foi arrastando a máquina até ocupar uma posição favorável. Por fim descobriu a cabeça: atenção, atenção... um, dois... pronto, já está. O menino saltou do banco a rir e foi mergulhar

os dedos no balde onde boiavam as provas. A seu lado, um velho lia o jornal. Reparou na página dos anúncios e nas cruzes das notícias dos falecimentos. Mas virou a cara pró lado.

Sabem? às vezes há ocasiões em que um homem nem sabe o que deve fazer. As agências de empregos estão sempre cheinhas. Preguntam a uma pessoa o que sabe fazer, tomam nota no fichero e mais nada. E as agências de empregos estão sempre cheinhas.

— Que sabe fazer? Que emprêgo pretende?

— Écrevo. Quere dizer, posso fazer cópias...

— Tem máquina de escrever?

— Não, mas posso redigir cartas. Tenho uma letra muito legível.

— Não tem máquina própria, pois não? O emprêgo anterior?

— Perdão?

— Bem, onde estava empregado antes?

— Estudava. Tenho o 7.^o ano e até podia dar algumas lições. Também percebo de lavoura. Faça favor de tomar nota aí. Os meus velhotes viviam na província...

O empregado escrevia sempre o mesmo: nome, idade, outras informações e dava um traço sôbre a parte *local onde exercia anteriormente a sua actividade*. Depois preenchia o espaço das *notas* e punha ao fundo em *referências* «não tem; estudante com o curso dos liceus».

— Por agora não há nada. Passe por cá amanhã. Olhe, é melhor vir um pouco mais tarde. Talvez depois de amanhã.

Sentiu uma nova tontura, os lábios colados e um nó no estomago. Correu ao chafariz e encheu-se de água.

Aquilo não era nada. E voltou pró banco.

Pôs-se a olhar o relógio e a ouvir-lhe a pancada. Cuspiu na correia e esfregou-a nas calças até parecer mais brilhante. Se lhe tivessem dado vinte escudos poderia almoçar ou jantar durante três dias seguidos. Iria mesmo ao cinema (há quanto tempo não ia ao Cinema?), ao Salão Moderno.

No Salão Moderno há sempre muito pó e pulgas, no verão, mas leva sempre filmes variados. Pode-se fumar durante o espectáculo, vê-se até o fumo às voltas no ar, atravessando o cone luminoso do projector, e nos intervalos ou quando se parte a fita os vendedores giram pela sala e apregoam muito alto *copo com água* ou *caramelos* e *matações*.

Vinte escudos. Tinha que valer vinte escudos. Pela morte do pai tinham-no avaliado por muito mais. Deram-lhe dessa vez uns cem escudos por êle.

Bom, agora é que tinha que ser: levantar-se e ir para casa. Também havia muita poeira no jardim. Vamos embora? Oh,

mas ainda se sentia cansado. Cansado sem saber de quê. Não estava tão bem assim?

Cem escudos. O sol tão morninho a bater-lhe nas pernas e as crianças a rebolarem-se na relva. Cem escudos... vinte... o sol quentinho... tão quente...

Avalanches de violinos, arrastando notas num mundo de cristal. No meio, há uma criança tôda ensanguentada e o vento arrepia-lhe os cabelos. Caras estranhas soltas no ar, gritando palavras sem som. Ele também andava por lá e trazia um Perú torrado debaixo do braço. E havia um lago, negro, com frutas e chocolate a boiar. O vento roça pelos cabelos da criança ensanguentada, que ficam tremulando no ar, soltando harpejos roucos. Pó de música. A música é parda. Himalaias furando nuvens coloridas e bocas azuladas (bocas podres de defuntos) dispersas no vácuo a beijá-lo. No céu as estrêlas são vermelhas e delas saem pequeninas pescadas. Crescem, crescem muito, e trazem um ramo de salsa na bôca. Mãos descarnadas a esbofeteá-lo. Superfícies derretendo-se. Mãos descarnadas a esbofeteá-lo. E os gigantes peixes escancaravam a bôca para êle...

Quando abriu os olhos o polícia continuava a sacudi-lo. O velho do jornal tinha abandonado o banco. À sua volta algumas crianças curiosas com arquinhos e bolas de borracha.

— Vamos. Não pode dormir aqui.

Ouvira, de facto, alguma coisa? O sol êsse é que era cada vez mais forte e já suave por todos os poros. Mas o curioso era que suave e tinha frio ao mesmo tempo.

— Embora daqui. Ouviu ou não ouviu?

Levantou-se vagarosamente, deu alguns passos e sentiu nova e terrível tontura. Agora é que ia ser. Vomitou um líquido claro. A cabeça andava-lhe à roda. Contudo conseguiu alcançar o chafariz. Abriu a torneira e bebeu, bebeu, até se encharcar todo e o estomago lhe pesar como chumbo.

Voltou a atravessar a avenida, caminhou através de ruas cada vez mais apertadas e chegou a casa.

Então começou a subir vagarosamente a estreita escada em caracol. Lá em baixo havia um cheiro nauseabundo a esgotos abertos, mas agora no 3.º andar alguém fritava carne de cavalo e tudo rescêndia a gorduras ardidas muitas vezes.

Finalmente entrou no quarto e deitou-se na cama de ferro, sôbre a enxerga desconjuntada.

Francamente, havia muito sol no quarto. Muito sol e muito cheiro a cigarros. Fechou as portas de dentro, pegou no cobertor e no único lençol e enrolou-se neles. Na penumbra do quarto distinguiu uma gravata (a única) pendurada no prego da parede. Afinal não a tinha levado mas como trouxera a gabardine abo-

toada na gola não se notara a falta. Oh, esta gabardine não agasalha mesmo nada.

Em cima da cadeira estava uma rima de jornais que colecionara para vender.

Levantou-se e começou a pô-los entre a camisa e o peito. Mas no meio deles descobriu um achado maravilhoso. Nada mais, nada menos do que uma «*Gramática Latina*» *aprovada oficialmente*, em razoável estado de conservação. Ótimo. Estava admirado de ter esquecido uma coisa daquelas. Preço vinte escudos, na contra-capa. Dar-lhe-iam pelo menos sete milreís, estava novinha. Devia ir agora ao alfarrabista. Mesmo agora. Porque diabo era esta moleza? Pieguices.

*Se podes conservar a serenidade quando todos à tua volta
a estão perdendo, censurando-te por isso*

Qual Kipling, qual raio. Mas este frio, esta moleza...

O alfarrabista ficava mesmo no outro extremo do bairro. Amanhã estaria melhor e faria bem o negócio. E que já não tinha lá muito apetite. Assim uma lassidão que faz com que uma pessoa nem tenha vontade de se mecher.

Continuou ainda a pôr jornais por baixo da camisa até os botões ameaçarem não resistir ao volume cada vez maior.

Tornou a deitar-se. «*A Gramática Latina aprovada oficialmente*» estava caída no chão a um canto do quarto.

A escuridão no quarto ia crescendo. Encolheu-se mais ainda e ficou-se olhando a parede, tremendo todo.

Foi nessa altura que deu por falta do relógio. Tinha-o perdido e isso não o afligiu mesmo nada.

Depois, depois, oh céus!... que interessava?...

JOSÉ CARDOSO PIRES

